

DA MÃO COMO TÉCNICA AO PENSAMENTO TÉCNICO DA MÃO – Esboço de uma tentativa poético-filosófica

«É perigoso mostrar demasiado ao homem quanto ele é igual aos animais sem lhe mostrar a sua grandeza. É ainda perigoso mostrar-lhe demasiado a sua grandeza sem a sua baixeza. É ainda mais perigoso fazer-lhe ignorar uma e outra. Mas é muito proveitoso apresentar-lhe uma e outra.»

Blaise Pascal, *Pensamentos*

Prefácio – esboço de uma tentativa filosófica

Mão empenhada, suada, calejada, sofrida, dorida, comprometida, na conquista diária de uma *práxis* rotineira; subjugada ao uso e desuso de uma imediatez ignorante que a despreza e censura nas suas potencialidades; anulada na instrumentalização do fazer repetitivo; mas, que é uma mão? Eis o objecto deste ensaio. Ensaio que procura reclamar um novo estatuto para a mão, indo ao encontro do seu significado no contexto há muito reivindicado da *técnica*. Um ensaio que deve primar (sobretudo) por uma leitura fenomenológica, uma vez que o que se vai procurar expor é a mão como *fenómeno* técnico do ser humano. Não uma simples apresentação da mão, enquanto horizonte de possibilidades a reivindicar, mas, uma leitura aprofundada da mão *técnica*. Queremos com isto dizer que, este ensaio seguirá no encaço de uma leitura fenomenológica da mão enquanto técnica especificamente humana, construtora e realizadora do mundo do homem. **A mão técnica demonstra a condição do homem como ser-no-mundo. É a mão que, como aparição num contexto biológico diversificado, definirá em simultaneidade com a aparição da consciência, a especificidade da espécie humana.** Mão e consciência: mão da consciência e consciência da mão – definição essencial e essenciante da humanidade do homem. Homem que descobre e se descobre na(s) potencialidade(s) da mão. Descoberta irremediável do horizonte das infinitas possibilidades: a decisão, a anulação, a criação, a agressividade, a amabilidade, etc. Eis o (novo) universo a que o homem se lançaria pela mão *técnica*. Universo que se dá no e pelo encontro do pensamento técnico da mão. **O pensamento técnico**

da mão é a revelação da essência fundadora e fundante do modo de ser do ente que, em manifestação permanente, se patenteia numa prática de ex-posição de articulações imperceptíveis entre mão/consciência. A mão *técnica* revela a actividade, a prática trasbordante de subjectividade que define o modo de ser do *dasein*, ou seja, a manifestação da subjectividade prática da mão (*técnica*) enquanto técnica definidora e construtora do mundo.

Questões em torno da Consciência-(da)-Mão – Considerações metodológicas

Muitas páginas se tem escrito sobre a consciência e sobre a mão, mas poucas foram as páginas que consagraram uma análise à consciência da mão, isto é, ao saber da consciência sobre a 'aparição' da mão. Dito ainda de outra forma, à tomada de consciência (de ser consciência) das potencialidades da mão, não apenas como um instrumento único e essencial ao desenvolvimento da espécie, mas igualmente, como ressonância da própria consciência (que faz ressoar, que é um eco da própria 'aparição' da consciência). Tal facto deve-se, julgamos, à muita e já sempre desgastada re-colocação da equívoca pergunta: o que terá surgido primeiro, a consciência ou a mão? Questão que uma vez colocada nos conduz ao inevitável embaraço de uma adequação da resposta em favor de um termos da pergunta. Não nos interessa enveredar por este caminho, que sem dúvida é mais especulativo que explicativo. O que procuramos aqui responder, é como surge a consciência da mão, ou melhor, como surge, como aparece esta mão no prolongamento da actividade da consciência. Isto não significa contudo que, a mão só aparece depois de uma qualquer actividade da consciência, ou que a consciência aparece em função da mão; fazê-lo representaria um retrocesso na investigação que agora procuramos levar a cabo. O surgimento de uma aponta necessariamente para o surgimento da outra, uma vez que a consciência e a (da) mão só surge pela existência manifesta de ambas. Se quisermos reformular a pergunta dos equívocos, perguntaremos não o que surgiu primeiro, a consciência ou a mão, mas, porque surgiram em conjunto, porque permitiram o afloramento do *sapiens* (anulando o *demens*), porque deram origem ao pensamento técnico da mão. Ora, esta vai ser para já, a pergunta que irá nortear o nosso ensaio.

O problema do aparecimento da consciência e da mão (enquanto ressonância daquela), sugere um enraizamento na demanda das origens da própria humanidade. Demanda que se impõe por si mesma, uma vez que é essa mesma consciência e essa mão, que estarão na especificação e origem da espécie humana. Contudo não devemos seguir por essa via de apresentação histórica (pré-histórica) e ou científica, uma vez que a resposta ao surgimento da consciência parece encontrar-se num outro campo que não esse, como reconhece aliás Jean Chaline quando diz: «Durou, sem dúvida, muito tempo a infân-

cia da humanidade e houve decerto alguns indivíduos que chegaram à tomada de consciência mais cedo que outros, mas isso não deixou qualquer rasto fossilizável – o problema ultrapassa, pois, o domínio da ciência». ¹ Deste modo, parece-nos que o campo de estudo deve ser o das condições de possibilidade que permitiram o surgimento da manifestação do ser que é sendo – o campo da fenomenologia. Uma (espécie de)Onto-arqueologia que se deve enraizar nos antípodas daquele que seria o *dasein* em manifestação na sua gênese. Devemos assim começar, pela análise do fenómeno da ressonância visionária da actividade da mão da consciência, isto é, perscrutando a dinâmica activa da mão/consciência: o descobrimento de *si* resulta no conhecimento do *mim*. É, portanto, na clarificação das condições (do aparecimento) da subjectividade que encontraremos a resposta à distinção entre mundo/fantasia, entre sujeito/objecto, e por conseguinte ao surgimento da mão *técnica*. Não devemos contudo esquecer o intuito que preside a este ensaio: procurar defender a tese segundo a qual, **a mão técnica enquanto ressonância visionária da actividade da consciência é a ex-posição da manifestação do modo de ser do *dasein***. ² Com vista ao esclarecimento desta tese, começemos por tentar definir alguns dos termos em uso que temos vindo a referenciar.

Da mão como técnica à técnica da mão – A ressonância visionária

Um dos erros mais frequentes nas referências à técnica consiste em considerar que tem de haver uma utilização – digamos utilitária, de algo por alguém para que se revele a essência da técnica. Mas a técnica não tem de ser a utilização, a manipulação, a fabricação de instrumentos ou utensílios, não tem de ser a criação *ex nihilo* de algo, não tem de ser segundo um ponto de vista biologista-(e ou)evolucionista uma tática de salvação/ sobrevivência, ³ ou como referia Spengler, uma tática de vida (de luta pela

¹ CHALINE, Jean, *L'évolution biologique humaine, A evolução biológica humana*, Tradução de José D'Encarnação, Lisboa, Editorial Notícias, 1984, p.113. Teremos provavelmente de concordar com este autor quando nos diz que ainda devemos estar na tormentória fase da adolescência da humanidade!...

² A referência ao *dasein* não significa que estejamos a adoptar o ponto de vista heideggeriano sobre a 'técnica'; significa que utilizaremos uma linguagem (eventualmente) próxima da heideggeriana dada a nossa procura por uma explicação fenomenológica (como é natural, estarão implícitas nas nossas divagações algumas apropriações terminológicas cujo conteúdo é eminentemente heideggeriano, uma vez que essa linguagem se presta a tal uso).

³ «A técnica tem sido muitas vezes considerada como uma aplicação de uma ciência que a teria precedido e que, por consequência, a teria tornado possível; as filosofias do *homo faber*, pelo contrário, quer sirvam de ponto de partida para um pragmatismo, quer prossigam estudos de biologia e de paleontologia, insistiram na ideia de que a técnica era, antes de mais, um fenómeno de ordem biológica, na medida em que era aquilo com que o homem conseguira dar ao seu corpo uma força que se prolongava e se amplificava no utensílio e na máquina. Segundo este ponto de vista, a técnica teria trazido ao homem uma salvação de ordem sobretudo vital, pois o homem é o ser vivo que só pôde existir porque soube, antes de mais, subsistir apesar das forças hostis ou superiores de que se tornou mestre e possuidor.» BRUN, Jean, *La Main et L'esprit, A Mão e o Espírito*, Trad. Mário R. A. Matos, Lisboa, Edições 70, 1991, pp.102-103.

vida).⁴ Não pode ser a instrumentalização feita pelo homem daquilo que se lhe oferecia no circundante que deverá ser definido como técnica, e tão pouco a 'criação' de utensílios, como refere aliás com ironia Jean Chaline, «Quem considerar o utensílio como critério de humanidade, incluirá os australopitecus entre os homens!».⁵ Mas então como devemos definir a técnica?! Poderá a técnica ser definida?! Pergunta tão mais embaraçosa quanto a procura da clareza para o seu respondimento. A técnica, parece-nos pode ser definida sem perder de vista o horizonte fenomenológico da génese do *dasein*. Recuperemos Spengler para uma primeira formulação: «A resposta é: o homem se fez homem graças à mão».⁶ Graças à mão o homem fez-se homem. Quer isto significar, na nossa interpretação, que não é apenas a *morphê*, a fisionomia da mão que possibilita ao homem ser homem (visão biologista), mas acima de tudo, a ressonância visionária da actividade da consciência da e na mão. **O primeiro homem fez-se homem porque houve um acontecimento fundador da sua diferenciação: a mão, que se fecha, que se abre, que agarra, que caminha, é a mesma mão que obedece à vontade da consciência.** O primeiro homem, ainda imiscuído no turbilhão aparência/realidade, realidade/imaginário, capta pela primeira vez a dinâmica activa que existe entre a sua mão e a sua vontade. Se desejar agarrar um pau, a sua mão apanhará o pau, obedecendo à vontade da sua consciência. Esta discreta passagem da mão como técnica (a mão que agarra um pau e se magoa, ou que se fere ao pousar sobre uma rocha laminada) à técnica da mão (a mão expressa a consciência que a comanda) definimos como a ressonância visionária da mão da consciência. Existiu assim inicialmente uma dinâmica activa entre mão e consciência que possibilitou esta ressonância visionária. A que acontecimento nos referimos? Ao despertar mútuo da consciência/mão: a ressonância visionária. Expliquemos. Por ressonância deve-se entender o seguinte: ressonância quer dizer retumbar, ressoar, isto é, voltar a soar, mas também é entendida como eco ou reflexo. Ora, este último sentido interessa-nos particularmente. Quando se faz uma ressonância magnética, procura-se averiguar por meio de uma perscrutação ao nosso interior, aquilo que de algum modo, nos pode estar a afectar. Isto é, procura-se um reflexo, um eco do nosso interior. Pegando neste exemplo banal, procuremos definir o nosso conceito.

⁴ «Ora a técnica é a táctica da vida inteira. É a forma íntima do comportamento em luta, o que é idêntico à vida em si. Aqui surge o segundo erro que convém evitar. A técnica não se interpreta em função do instrumento, do utensílio. Não se trata da fabricação das coisas, mas sim do seu manejo; não são as armas que contam mas sim a luta.» SPENGLER, Oswald, *Der Mensch und die technik, O homem e a técnica*, Trad. De João Botelho, Lisboa, Guimarães Editores, 1993, p.40.

⁵ CHALINE, Jean, *Op Cit.*, p.112.

⁶ «A mão é a arma sem igual no mundo dos seres que se movimentam livremente; basta que com ela comparemos a pata, o bico, os chifres, os dentes e diversas extremidades das outras criaturas.» SPENGLER, Oswald, *Op.Cit.*, p.61. O que nos interessa nesta citação – uma vez que o autor seguirá num outro sentido – é o facto de se afirmar o 'surgimento' do homem graças à mão. Isso só será possível, porque (e embora Spengler não o tenha apontado) há uma consciência que se capta nas e pelas potencialidades que a mão manifesta.

A ressonância visionária é o reflexo do despertar mão/consciência, mas também o eco que transporta a visão das possibilidades. O eco, seja a experiência de gritarmos numa gruta ou num vale, traz-nos de volta os sons que gritamos. Contudo, esse eco, é já uma transformação do grito presente num som futuro. Ou seja, o eco, o som devolvido, vem sempre num tempo futuro. Significa isto que, a ressonância visionária é um despertar mas simultaneamente uma projecção. O primeiro homem, percebe que na articulação mão/consciência há um feed-back, uma dinâmica activa que sugere possibilidades ou potencialidades. **A mão pode obedecer á vontade da consciência, mas também a consciência se pode deixar comandar pelo gesto da mão** (isso será particularmente fácil de compreender no aparecimento da linguagem ou da manifestação artística). Ou seja, a técnica na sua essência, não deve ser considerada como uma actividade mas como um alicerce sobre o qual a actividade se vai exercer. Assim essa ressonância visionária é como que uma vocação natural, uma predisposição natural do homem para a ultrapassagem dos problemas do circundante. Ora, neste contexto surgirá uma mão que começa por enunciar e denunciar os propósitos de uma consciência que ainda não fala a linguagem do ser mas que se diz. Há já um dizer da mão que quer falar, fruto do tempo futuro que o eco (da ressonância visionária) transporta. **Uma mão que procura assim traduzir o pensamento técnico, isto é, que procura esboçar a manifestação do emergir da consciência.** Ora, o *dasein* na sua génese era apenas esta vocação, esta vontade, este esforço de se alicerçar num mundo estranho dado a confusões. A técnica é assim um esforço (da consciência) de conferir à mão o poder de ser o eco da actividade dinâmica da ressonância visionária. Contudo, há neste período ainda muita confusão entre as imagens interiores do homem e as imagens exteriores, entre a realidade e a imaginação mítica.⁷ Confusão que começa a desvanecer-se com a mão *técnica*. O primeiro homem ao olhar para a sua mão percebe as potencialidades da sua mão; começa por perceber não só que é dotado de uma alma, espírito, vontade (consciência) mas que há uma mão que interpreta uma actividade dinâmica relacional. Este é o primeiro passo da mão *técnica*. Esta prática original e originária constituirá o modo de ser do *dasein*. O modo de ser do *dasein* caracteriza-se, segundo Gajo Petrovic, pela prática, pela *práxis*. É a prática que define e justifica, segundo este autor, a autenticidade e veracidade da actividade do ser humano. Mas, como já percebemos, isto implica que **a consciência, apesar da confusão realidade/ imaginação, começa por captar na imediatez de uma consciência perceptivo-nante e intuitiva, que a mão (que é a sua mão) é um prolongamento de si, isto é, que a mão fazendo parte de si, permite o reconhecimento do mim.**

⁷ Veja-se a este propósito o texto de Ortega y Gasset «El mito del hombre allende la técnica» in *Obras Completas*, Tomo IX, (1960-1962) Madrid, pp.617-644, onde o autor esboça uma explicação mitológica para a insatisfação e para o estranhamento do homem na natureza, resultado desse primeiro homem que descobre em si imagens fantásticas.

Significa isto que, o homem percebe-se como uma entidade de potencialidades que a ressonância visionária lhe traz. Assim, a mão *técnica* surge como horizonte de ultrapassagem para o primeiro homem. Mas que devemos então entender por mão *técnica*? Ao utilizarmos esta designação procuramos fazer convergir as duas grandes diferenciações da espécie humana: a mão e a consciência. A técnica é assim uma finalidade da afirmação do modo de ser do homem.⁸ A mão *técnica* refere-se à mão como essa parte do corpo humano que na e pela prática se activa em concordância consciente (mas que também actua por si, como por exemplo na actividade artística e na linguagem gestual), e por *técnica* enquanto prolongamento da actividade da consciência, isto é, enquanto ressonância privilegiada da dinâmica activa. Dito de outra forma, **a mão técnica enquanto ressonância visionária da actividade da consciência é a exposição da manifestação do modo de ser do dasein**. Mas então também devemos definir o que se deve entender aqui por *ex*-posição. Exposição, sem mais designa o acto ou efeito de expor(-se); deixar a descoberto, revelar; mostrar, patentear, mas também pode significar colocar em perigo, arriscar ou pôr em risco. Vejamos então como interpretar esta *ex*-posição.

Mão técnica e ex-posição – Surgimento da consciência e consciência de si – Mundo e Fantasia – O final da demência – Princípio de linguagem

O homem descobrindo-se na descoberta de si, projecta-se e projecta para o exterior a sua dinâmica activa na criação e confrontação do (novo) universo. O homem enrola-se no mundo que o circunda, ou como dizia Teilhard de Chardin, «O Homem: esse sobre o qual, e no qual, o Universo se enrola».⁹ Ora, o homem dotado desta mão *técnica* é assim o homem que se afasta, que se distancia do universo imaginário e fantástico, uma vez que o aperfeiçoamento da mesma significa o aparecimento da consciência. O surgimento da consciência é assim fruto de uma necessidade iminentemente reflexiva de compreensão da mão *técnica*. O homem descobre a consciência de si e do universo através da mão *técnica*. Como assim? Da evolução do primeiro homem para o homem da mão *técnica* dá-se o pleno surgimento da consciência de si e do universo circundante, embora haja uma zona de incerteza, ou uma *information gap* (que é impossível justificar) como refere Edgar Morin. Assim, este homem da mão *técnica*¹⁰ é ainda um homem de consci-

⁸ «A técnica não é, precisamente, um simples meio de acção que permita dizer onde termina o zoológico e onde começa o antropológico; é uma finalidade do ser, na medida em que aquilo com que o homem tenta tornar-se senhor do espaço e do tempo.» BRUN, Jean, *Op.Cit.*, p.103.

⁹ CHARDIN, P. Teilhard de, *La Place de l'Homme dans la Nature, O Lugar do Homem na Natureza*, Tradução de Armando Pereira da Silva, Lisboa, Edição Instituto Piaget, 1997, p.45.

¹⁰ «o fenómeno de consciência é, ao mesmo tempo, extremamente subjectivo, porque está muito carregado pela presença afectiva do eu individual, e extremamente objectivo, porque se esforça por consi-

ência subjectiva que se esforça por compreender o real. Então como perceber o homem da mão *técnica* na emancipação do *dasein*? Recuperemos o sentido de *ex*-posição. O homem que se expõe é o homem que se manifesta, que se revela. Ora, o homem que se *ex*-põe, é o homem que se põe, que se coloca na revelação no/do exterior. Ou seja, o homem desvela-se no jogo da *ex*-posição. Ora, esta *ex*-posição manifesta por um lado a sua consciência (e a sua consciência de si), e a revelação do seu mundo subjectivo e portanto ainda algo fantástico. Assim, a genialidade deste homem da mão *técnica* reside na *ex*-posição e na intercomunicação entre imaginário e real, entre a procura de racionalidade e a afectividade, entre sujeito e objecto. Por isso refere Edgar Morin que, «ordem e desordem são antagonistas e complementares, na auto-organização e no devir antropológicos. Verdade e erro são antagonistas e complementares na errância humana».¹¹ Significa isto que **o homem desenvolve precisamente a sua mão *técnica* enquanto corolário da actividade da consciência na errância do percurso de aperfeiçoamento de si e na intercomunicação (e compreensão) do mundo.**

Há ainda uma referência que deve ser feita à mão: é que ela surge neste enquadramento como princípio de linguagem. **A mão que instigou à percepção de si (da consciência, da subjectividade) é a mão que aponta, que indica, que se manifesta.** A mão vai provocar na consciência o aparecimento do som quando já não basta acenar, quando já não basta agarrar para indicar. É a mão que vai produzir os primeiros sons ao bater em troncos ocos para advertir ou ameaçar. Com o surgimento da mão *técnica* o som começa a tornar-se realidade, e a consciência pode manifestar(-se) no mundo. Devemos então recuperar algumas sentenças. Não dissemos anteriormente que a *ex*-posição era a manifestação do modo de ser do *dasein* originário? **O modo de ser do *dasein* pode ser caracterizado assim em dois traços gerais a partir da génese deste homem da mão *técnica* como: ser com um *dizer* e como ser-para-a-morte.** A mão *técnica* é a *ex*-posição da manifestação do modo de ser do *dasein* porque a *ex*-posição não só permite o advento do homem da mão *técnica*, isto é, projecta este homem para o exterior, na intercomunicação com o mundo, mas igualmente coloca-o em perigo, coloca-o na arriscada errância de um percurso que se faz fazendo-se. Ou seja, a *ex*-posição, por um lado beneficia o desenvolvimento e propagação da espécie, mas tem o efeito perverso de o colocar também em perigo, de o por em risco. Como assim? O homem ao procurar compreender o circundante irá expor-se a um risco maior, constituindo por isso na emergência da emancipação da sua consciência, um ser-para-a-morte. Isto significa por sua vez, também que, **na descoberta da sua própria *ex*-posição, o**

derar objectivamente não só o ambiente exterior (o mundo), mas também o eu subjectivo. MORIN, Edgar, *Le paradigme perdu: la nature humaine, O paradigma perdido ; a natureza humana*, Trad. Hermano Neves, Lisboa, Publicações Europa-América Lda, 2000, p.132.

¹¹ MORIN, Edgar, *Op. Cit.*, p.145.

homem da mão *técnica* re-descobre-se como consciência de si mesmo, e como consciência da sua finitude, e portanto como esse ser-para-a-morte-inevitável. No entanto, este homem da mão *técnica* descobre que na sua relação de *ex*-posição no mundo, que há outros semelhantes a si. **É o surgimento da consciência da alteridade. Muito antes do homem falar, o homem toca-se. É o tocar da mão *técnica* que surge** (parece-nos) **como possibilidade de surgimento da consciência ética**. Do pensamento técnico da mão surge afinal o homem com todas as questões a que só o tempo dará resposta. É na procura da compreensão do *dasein* em gênese, nos sinais da manifestação da sua agressividade (talvez por desconhecimento ou medo do circundante) e no seu toque de afectividade (da procura do outro), que iremos encontrar o homem de hoje, o *dasein*.¹² Não deixa no entanto de ser curioso que o homem de hoje seja tão mais “desequilibrado” do que esse homem da mão *técnica*, em que o desenvolvimento tecnológico e o nível espiritual se acentuou a níveis dramáticos, pondo em causa, diariamente, a continuidade e a qualidade da vida da espécie humana.

Paulo Alexandre e Castro

¹² «Precisamos de ligar o homem razoável (*sapiens*) ao homem louco (*demens*), ao homem produtor, ao homem técnico, ao homem construtor, ao homem ansioso, ao homem gozador, ao homem extático, ao homem cantante e dançante, ao homem instável, ao homem subjectivo, ao homem imaginário, ao homem mitológico, ao homem crítico, ao homem neurótico, ao homem erótico, ao homem úbrico, ao homem destruidor, ao homem consciente, ao homem inconsciente, ao homem mágico, ao homem racional, numa cara com muitas faces, em que o homínide se transforme definitivamente em homem.» Morin, Edgar, *Op.Cit.*, p.145.